

GEB afastou os policiais

No dia 16 de fevereiro de 1959, oito dias depois da tragédia ocorrida no acampamento da Construtora Pacheco Fernandes Dantas, a Guarda Especial de Brasília afastou os 27 envolvidos na ação, conforme o Boletim Interno nº 4, assinado pelo então diretor do Departamento Regional de Polícia de Brasília (DRPB), coronel Osmar Soares Dutra. Todos teriam sido expulsos da corporação após esses fatos, dias mais tarde.

Entretanto, nenhum documento atestando a punição adotada pelo comando foi encontrado. Na tentativa de desvendar essa nebulosa parte da história da cidade, o **Jornal de Brasília** conseguiu encontrar alguns dos 27 militares que, segundo o boletim da própria corporação, datado de 16 de fevereiro de 1959, teriam participado do massacre.

Três ex-soldados da GEB, que poderiam esclarecer o ocorrido naquela noite de Carnaval, ajudaram a aumentar o clima de mistério ao redor dos fatos ocorridos no canteiro de obras da Pacheco Fernandes. Continuam morando no Distrito Federal, levando uma vida convencional e familiar. Um deles movimenta um pequeno comércio na própria residência, em Samambaia. Outro, tornou-se chacareiro e cuida, em companhia da esposa e filhas, de um terreno próximo ao Gama. O último é funcionário público aposentado e reside em um modesto apartamento na Asa Sul.

Apesar das evidências apresentadas pela reportagem, mostrando a participação deles no histórico massacre com base em documentos levantados em pesquisas, todos negaram terminantemente qualquer ligação com o caso. Um deles refutou, até mesmo, ter feito parte da polícia naquela época. As entrevistas com os três ocorreram em dias e horários diferentes. A reação esboçada sobre os fatos ocorridos há mais de 44 anos foi a mesma - faces contraídas e semblantes fechados, apesar da garantia do anonimato, todos recusaram-se a continuar a conversa.